

Cesar Soares Farias \*

Quando fui selecionado para trabalhar no meio do chamado “lixo social” imaginei, à princípio, estar adentrando num mundo contaminado e com poucas perspectivas de mudanças. Os noticiários mostram que o Sistema Penitenciário está intimamente associado à idéia de perigo constante e isso, mesmo que inconscientemente, acaba gerando perspectivas pessimistas em quem nunca participou daquela realidade “intramuros”.

Exerço função burocrática dentro de um estabelecimento prisional dos regimes aberto e semi-aberto, auxiliando, não raras vezes, na aplicação da Justiça, lidando com direitos e deveres de quase 600 apenados. Durante o meu curso de formação para auxiliar penitenciário da Susepe (Superintendência dos Serviços Penitenciários) aprendi que, teoricamente, a função da pena – ao contrário do que eu pensava – não se restringe a tão somente punir o indivíduo. O Estado, como executor da sanção imposta pelo Juiz, também deve oferecer ao apenado alternativas de ressocialização, sendo esta a grande questão ou contradição que exige, neste instante, sério debate.

São muitos os que duvidam irredutivelmente que a recuperação de um criminoso é possível e vêem na ressocialização apenas uma possibilidade utópica. Quanto a isso, gostaria de interpor a minha modesta autoridade de participante diário desse drama social. Logo no início, apreensivo e ainda influenciado por um certo preconceito, procurei descobrir uma maneira toda especial para lidar com todos aqueles detentos, porém havia ignorado um fator primordial e que hoje, para mim, se faz tão evidente: eles são pessoas. Traem, mentem, sofrem, tentam, caem, levantam-se. Duvidar de suas vitórias é duvidar do ser humano em geral e aceitar que as coisas realmente não têm mais jeito.

A punição e o castigo fazem-se necessários em algumas situações, mas não deve a sociedade contentar-se em jogar o seu lixo na prisão e simplesmente exigir que ele lá permaneça. A menos que acreditemos na adoção da pena de morte ou em massacres, como o de Carandiru, para extirpar a delinquência, faz-se necessário um novo olhar sobre o trabalho desenvolvido pelo Estado dentro de seus estabelecimentos prisionais. Certamente não será o Poder Público quem conseguirá resolver sozinho o complexo problema da criminalidade. Mas seria um grande avanço vermos os servidores penitenciários identificados com os objetivos da pena, preocupados com a segurança mas, não menos, com a Justiça. A seriedade no desempenho da função pública é o ponto de partida para toda e qualquer tentativa de contornar o evidente problema carcerário. De nada valerá a construção de novos presídios ou albergues que sirvam tão somente como depósitos de lixo.

\* Cesar Soares Farias, auxiliar do Serviço Penitenciário. Atua na Casa do Albergado Padre Pio Buck, em Porto Alegre (RS).